



CAPÍTULO 3

AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E SUAS NARRATIVAS EM CONTEXTO SOCIAL

Fabiana Cardoso de Souza

cardosofabiana13@gmail.com

Meg Gomes Martins de Ávila

coordpsicomaua@gmail.com

RESUMO

A adolescência é um dos períodos de maior sensibilidade no qual é comum a dificuldade de expressar sentimentos e enfrentar situações adversas. Diante disso muitos adolescentes utilizam a automutilação como uma maneira de lidar com as próprias emoções, sendo uma substituição da dor psicológica pela dor física. O comportamento automutilante na adolescência pode estar associado a diferentes significados, sendo fundamental avaliar as especificidades da vida de cada indivíduo. O psicólogo pode atuar frente às narrativas da automutilação de adolescentes e propiciar um lugar de escuta que permita os adolescentes verbalizar as angústias e mal-estar por meio das palavras. O objetivo geral desse estudo de revisão bibliográfica foi demonstrar como a escuta qualificada pode reduzir a incidência da automutilação na adolescência. Este estudo concluiu que a escuta qualificada pode ser uma forma de intervenção que pode ser utilizada com os adolescentes permitindo-os verbalizar as angústias e mal-estar por meio das palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Automutilação. Adolescência. Escuta qualificada.

1 INTRODUÇÃO

A automutilação é um comportamento auto lesivo intencional de agressão direta ao próprio corpo sem intenção consciente de suicídio, sendo predominante no sexo feminino (CARDOSO, 2011; MESQUITA *et al.*, 2011). É um fenômeno heterogêneo que está associado a diferentes fatores e acompanhado por experiências subjetivas (GIUSTI, 2013).

A automutilação envolve diferentes tipos de comportamentos, incluindo cortes superficiais, queimaduras, arranhões, mordidas, interferência no processo de cicatrização de ferimentos, inserir objetos em cavidades do corpo, puxar cabelos, entre outros, sempre realizados com a intenção de causar danos ao organismo. Comumente são utilizados mais de uma forma de automutilação, em diferentes áreas do corpo sendo as principais os braços, pernas, peito e outras regiões na parte frontal do corpo, onde o acesso é mais fácil (GIUSTI, 2013).



Segundo Ferreira *et al* (2018) a automutilação é uma maneira de desviar a atenção de uma tensão psíquica, sendo uma forma de buscar um alívio momentâneo. É uma substituição da dor psicológica pela dor física que torna o comportamento de se automutilar algo prazeroso. No entanto, essa sensação de prazer dura pouco tempo e logo a sensação de angústia retorna.

São considerados fatores de risco para o comportamento auto lesivo: aspectos psicológicos, familiares, sociais, ambientais e genéticos. Segundo Bhering *et al.* (2020) os principais fatores associados aos comportamentos auto lesivos são os transtornos mentais, sendo a depressão e a ansiedade os distúrbios mais prevalentes; o *bullying* e mídias sociais que podem desencadear nas vítimas baixa autoestima e síndromes depressivas; as disfunções familiares, principalmente relacionadas a conflitos com os pais; abusos sexuais; fatores genéticos como alterações da função do neurotransmissor de serotonina e o uso de álcool e drogas, que alteram as emoções e as habilidades de julgamento.

Na maioria dos casos, os comportamentos auto lesivos são acompanhados de ansiedade, depressão, disforia e sensação de perda de controle que podem estar associados a sensações de rejeição ou abandono culpa e vazio, sentimento de inutilidade e sensação de irrealidade. Inicialmente este comportamento é esporádico, podendo se tornar frequente, levar a desfiguração física e a uma incapacidade de controlar o comportamento e em alguns casos levar ao suicídio (CARDOSO, 2011; MESQUITA *et al.*, 2011).

Desse modo os comportamentos auto lesivos são considerados um dos problemas de saúde pública mais frequentes entre os adolescentes (GUERREIRO *et al.*, 2013). O Brasil ainda não tem estatísticas oficiais sobre a incidência de eventos de automutilação, mas segundo a revista *The Lancet Psychiatry* no período de 2000, 2007 e 2014 as ocorrências de automutilação passaram de 2,4% para 6,4% no mundo (LOPES, 2019). Dessa forma a automutilação é considerada um desafio para muitos profissionais de saúde pública devido sua crescente exposição e manifestação na sociedade, sendo necessário o desenvolvimento de um tratamento eficaz e possíveis estratégias de prevenção.

A adolescência é o período intermediário entre a infância e a vida adulta sendo um período marcado por mudanças físicas, psíquicas e sociais (VAN DE GRAAF, 2003; GASPAR; LATERZA, 2012). Neste período de desenvolvimento humano, ocorre um dos períodos de maior sensibilidade no qual é comum a dificuldade de expressar sentimentos e enfrentar situações adversas. Diante disso, muitos adolescentes utilizam a automutilação como uma maneira de lidar com as próprias emoções, tornando esses indivíduos muito vulneráveis a esse tipo de comportamento (GARRETO, 2015).



Na adolescência há uma maior tendência do agir do que a utilização de outros recursos como a palavra, ou seja, no lugar de colocar em palavras aquilo que o angustia, o adolescente transfere para o corpo, que é a forma de percebê-lo como sendo seu (COSTA, 2010).

O comportamento automutilante na adolescência pode estar associado a diferentes significados, dessa forma é necessário cuidado na interpretação e análise dessas condutas. Cada caso é único, sendo fundamental avaliar as especificidades da vida de cada indivíduo. O psicólogo pode atuar frente às narrativas da automutilação de adolescentes e propiciar um lugar de escuta que permita os adolescentes verbalizar as angústias e mal-estar por meio das palavras (FREITAS, 2017).

Esse comportamento auto lesivo, está associado a maior incidência de suicídio em adolescente. Esses jovens se machucam para esconder uma dor que parece ser muito maior do que qualquer outra dor física que possam já ter sentido (GIUSTI,2011).

Desse modo a automutilação chama a atenção de várias especialidades, principalmente os profissionais da psicologia, assim é importante a realização de estudos que auxiliem a maior compreensão dessa temática e que possa contribuir para um maior entendimento desse assunto entre os profissionais da área da psicologia.

Diante deste cenário, a questão-problema deste estudo é: Como a escuta qualificada pode ser utilizada como ferramenta estratégica para promoção da fala e fator de proteção para adolescentes com comportamentos automutilantes?

Para responder a esta problemática, o objetivo geral desse estudo foi demonstrar como a escuta qualificada pode reduzir a incidência da automutilação na adolescência. Os objetivos específicos foram:

- 1) Compreender o fenômeno da automutilação;
- 2) Apresentar a escuta qualificada como estratégia psicológica de prevenção e intervenção da automutilação na adolescência;
- 3) Analisar a utilização da escuta qualificada como ferramenta para adolescentes com comportamentos auto lesivos;



2. ADOLESCÊNCIA COMO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência corresponde ao período entre doze e vinte um anos de idade. Nesse período ocorrem diferentes mudanças subjetivas, corporais e sociais e a busca por reconhecimento e independência e seu lugar na sociedade (ALBERT, 2010).

Segundo Calligaris (2000, p. 18):

A adolescência não é só uma moratória mal justificada, contradizendo valores cruciais de autonomia. Para o adolescente, ela não é só uma sofrida privação de conhecimento e independência, misteriosamente idealizada pelos adultos. É também um tempo de transição, cuja duração é misteriosa.

Nesse período ocorrem diversas alterações corporais devido a puberdade, o que leva também a um questionamento sobre o corpo infantil. O corpo agora precisa ser revestido de novos significantes que atravessam o sujeito neste novo momento psíquico. É como se ele estivesse diante do “Espelho” e necessitasse reconstituir o armado corporal, ressignificando as referências simbólicas e imaginárias com as quais se sustentava e identificando-se com novos significantes atribuídos a este novo momento, a esta nova posição diante do Outro (FONSECA, 2018).

Nesse período de transição muitos conflitos ocorrem. Alves (2008, p. 11) afirma que “esta fase do desenvolvimento é associada a uma nova compressão de mundo que se alia à necessidade da representação de novos papéis sociais e responsabilidades do sujeito na sociedade”.

Desse modo os adolescentes precisam de ajuda para se auto-organizar, reconhecer e por fim reconhecer o seu lugar no contexto social, subjetivo e também de reapropriação corporal. As referências são buscadas muitas vezes nos pais, porém transcorre, neste tempo o lugar importante de referência de identificação no laço com o outro social (ALBERT, 2010).

A construção da identidade que se estabelece na fase da adolescência é fundamental no desenvolvimento do sujeito, em razão dos constantes questionamentos e necessidades dos adolescentes de reconfigurações de novos papéis sociais e individuais (DUNKER, 2017). A identidade psicológica pode ser considerada o resultado da evolução da autoimagem, baseada na identificação de modelos presentes na vida do sujeito: pais, irmãos, parentes próximos, educadores, entre outros, que por acaso tenham mediado está construção (REIS, 2018).



2.1 O Corpo como forma de expressão

O corpo é utilizado como forma de expressão desde a antiguidade com diferentes sentidos, por diversas culturas, e com formas de representação e identificação do sujeito com o lugar ou determinado grupo. Em muitas culturas a marca corporal é utilizada como um ritual de passagem e ou para representar a posição que o sujeito ocupa em determinado grupo (DUNKER, 2017).

Essas marcas corporais também podem ser utilizadas como uma forma de proporcionar uma identidade de pertencimento. Desta forma, as marcas corporais, vão além da questão estética, pois envolvem o reconhecimento social e religioso. São utilizadas como uma forma de identificação a um grupo ou expressão, como por exemplo as tatuagens e *piercing* que muito utilizado principalmente entre os adolescentes (FORTES, 2017).

Deste modo, a modificação do corpo, por meio das marcas corporais, pode ser vista como fonte de assinatura e demarcação da identidade do sujeito. Muitas vezes, a constituição da identidade simbólica é instável sendo necessária uma inscrição através do ato de marcar o próprio corpo, como uma forma de afirmação (DUNKER, 2017).

Segundo Cunha (2004, p. 67), a modificação corporal [...] coloca em jogo não só o limite entre o indivíduo e o mundo, na sua materialidade, mas a própria existência concreta do indivíduo, com toda uma serie de sensações e intensidades que talvez não caibam em palavras, e que até mesmo por isso seja tão necessário recolhê-las ao olhar [...].

3 ADOLESCÊNCIA E A AUTOMUTILAÇÃO

A automutilação, diferentemente da tatuagem, do *piercing* e outras marcas de modificação do corpo, são um comportamento intencional envolvendo agressão direta ao próprio corpo, praticadas por indivíduos, que podem sinalizar o sofrimento psíquico (FORTES, 2017).

A automutilação pode estar associada a várias alterações funcionais e neurobiológicas. Os principais sistemas associados a estes comportamentos são: serotoninérgicos, dopaminérgicos e opioides. O sistema opioide endógeno é responsável pela percepção da dor e analgesia relacionada ao estresse. Alguns autores sugerem que o aumento da atividade cerebral de opioides pode promover a automutilação (GIUSTI,2017).



Essa prática da automutilação, além de ser uma forma de alívio da angústia, é como localizar no corpo, através do corte, um ponto de fixação da dor sentida, e também tem a ver com a descoberta do corpo, é o que o psicanalista Dunker (2017) afirma:

A automutilação é um fato recorrente em adolescentes por ser um momento da descoberta do corpo, é o luto de um corpo infantil carregado de desejos e histórias, e que vai ser substituído por um que ainda é indeterminado tem a ver com o corpo fantasiado no olhar do outro (p.42).

Os adolescentes estão expostos a grupos, comunidades, conteúdos, que podem influenciá-lo em seus comportamentos e organização psíquica, principalmente devido à sua busca característica por identificações e afastamento de figuras de autoridade (BRASIL, 2006).

Desse modo os adolescentes são muito vulneráveis a conflitos que muitas vezes, não conseguem ser verbalizados e acabam gerando comportamentos auto lesivos, como a automutilação. Atualmente esse comportamento de automutilação é alvo de diversos estudos (Santos et al., 2019; Silva et al., 2019 e Vargas et al., 2021) que buscam determinar estratégias eficazes para lidar com esses comportamentos e também os prevenir. Estudos (Moreira et al., 2018 e Nascimento et al., 2021) propõem a escuta qualificada por profissionais da psicologia como estratégia de auxiliar no abandono da automutilação e de reorganizar a maneira de agir dos adolescentes (FERREIRA, 2010).

Segundo Aragão Neto (2019) os episódios de automutilação de adolescentes ocorrem, na sua grande maioria, em casa ou na escola. A maioria dos jovens entrevistados nesse estudo afirmam que a motivação é o “alívio da dor emocional”. Esse estudo também identificou como os principais fatores de riscos associados a automutilação de adolescentes os abusos (sexual, emocional, físico), separação dos pais, ausência de figura paterna, morte de ente querido e bullying.

Segundo Côrrea (2017) uma nova tendência entre adolescentes é a prática de postar, enviar ou compartilhar na internet mensagens abusivas sobre si mesmos, de forma anônima. Em um estudo recente com 5.593 estudantes do ensino fundamental e médio nos Estados Unidos, com idades de 12 a 17 anos, um em cada 20 revelou já ter praticado o chamado auto-cyberbullying, ou automutilação digital. Entre os motivos citados pelos jovens entrevistados para esse comportamento estavam baixa autoestima, busca por atenção, sintomas de depressão e o desejo de despertar uma reação nos outros. Dessa maneira como em casos de automutilação física, em que muitas vítimas ferem o próprio corpo com cortes, arranhões ou queimaduras, a automutilação digital costuma indicar um pedido de ajuda.



A lei 13819 de 2019 institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, pelos Estados, pelos Municípios e pelo Distrito Federal. Os principais objetivos dessa lei foram prevenir a violência autoprovocada; controlar os fatores determinantes e condicionantes da saúde mental e garantir o acesso à atenção psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico agudo ou crônico, especialmente daquelas com histórico de ideação suicida, automutilações e tentativa de suicídio (BRASIL, 2019).

Uma das formas de prevenção e intervenção seria através da escuta qualificada, foi criado pelos psicólogos americanos Carl Rogers e Richard Farson em 1950, como uma abordagem terapêutica. Segundo Rogers é preciso realizar uma escuta profunda, em que "as palavras, os pensamentos, a tonalidade dos sentimentos, o significado pessoal, até mesmo o significado que subjaz às intenções conscientes do interlocutor" (1980/1987, p. 8)

A escuta ativa envolve concentrar-se totalmente no que está sendo dito, em vez de apenas ouvir passivamente a mensagem de quem está falando. A escuta qualificada envolve relações do tipo diálogo, vínculo, acolhimento. Possibilita compreender o sofrimento psíquico a partir da pessoa, valoriza suas experiências e atenta para suas necessidades e diferentes aspectos que compõem seu cotidiano (MAYNART *et al.*, 2014).

Desse modo é recomendado o tratamento dos pacientes que praticam a automutilação utilizando uma lógica dialética por parte dos profissionais, através da escuta, rompendo com a visão unicamente curativa, enxergando os adolescentes dentro de seus relacionamentos afetivos, sociais e comunitários (GUERREIRO, 2014).

Através da escuta qualificada o adolescente pode refletir sobre suas vivências, experiências dolorosas e prazerosas, sobre seu lugar na sociedade e comportamentos, e lhe ser garantido os direitos básicos para um desenvolvimento psíquico saudável. Espera-se que com essa estratégia os adolescentes possam fazer escolhas que reflitam sua identidade, e tomar decisões, com mais autonomia, diante dos contextos de assujeitamento e de transgressão, por eles vividos (DUNKER, 2017).

4. METODOLOGIA

Este estudo seguiu os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma revisão bibliográfica sistemática integrativa, que, segundo Gil (2008, p.50), "é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos". A partir disso, a pesquisa se resumiu em definição de fontes, coleta de dados, análise de interpretação dos resultados e discussão dos resultados como poderá ser visualizado (GIL, 2008).



Ademais, trata-se de revisão integrativa que determina o conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre um determinado tema. Logo primeiramente foi elaborado a pergunta norteadora desse estudo que foi: Como a escuta qualificada pode ser utilizada como ferramenta estratégica para promoção da fala e fator de proteção para adolescentes com comportamentos automutilantes? A busca na literatura foi realizada nos bancos de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-BIREME), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe (LILACS).

A coleta de dados foi realizada de acordo com os critérios de inclusão, adotados para escolha de materiais que incluíram artigos científicos, teses, monografias e dissertações publicadas nos últimos 12 anos, artigos na língua portuguesa, publicações completas com resumos disponíveis e indexados nas bases de dados selecionadas. A busca bibliográfica utilizou os seguintes descritores: automutilação; adolescente; escuta qualificada. O período de busca foi artigos publicados entre 2011 e 2021.

A análise crítica dos estudos incluídos foi realizada através de uma leitura exploratória em torno do tema, tendo como objetivo verificar as obras que interessavam à pesquisa, isto é, se estavam de acordo com a temática desse estudo. A partir de então, foi iniciada a leitura analítica dos textos selecionados, identificando as ideias-chave, hierarquizando-as e sintetizando-as. Logo após foi feita a discussão dos resultados e a elaboração da apresentação da revisão.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automutilação é vista como um grande problema a ser compreendido, sendo importante analisar o que está por trás desse ato. No quadro 1 são demonstrados os artigos que foram selecionados para esse estudo de revisão integrativa segundo os critérios de inclusão e exclusão adotados nesse estudo.

Quadro 1 – Artigos selecionados para revisão

ARTIGOS SELECIONADOS PARA REVISÃO						
Autores/ano	Título	Objetivo	Metodologia / Material e Método	Conclusão / Considerações finais	Situação Critério de Exclusão	Situação Critério de inclusão
Matos M.E, 2020	O corpo como símbolo da dor de uma alma mutilada	Encontrar teses de doutorado já produzidas sobre a temática da	Revisão bibliográfica.	Coincidência entre os autores quando dizem que o ato de se	Não citado.	Seleção de teses de doutorado



		automutilação.		cutar alivia uma emoção intensa por parte dos adolescentes.		
Oliveira A., 2021	As principais causas que levam a automutilação em adolescentes: uma revisão integrativa	Identificar os fatores causais em adolescentes que estimulam o aumento de casos de autolesão.	Revisão bibliográfica.	aspectos pessoais, familiares, transtornos psiquiátricos, relacionados à infância e risco sociais	ano de publicação e local de publicação	pergunta norteadora, amostragem, objetivo, português e inglês
Silva J.K., 2019	A adolescência e as mutilações	compreender através da literatura científica os principais fatores emocionais envolvidos no ato da automutilação em adolescentes	Revisão bibliográfica.	a automutilação se faz presente na vida desses adolescentes auto lesivos, como forma de diminuir a dor moral, para a dor física.	Não citado.	Não citado
Cardoso R.B., 2020	O FENÔMENO DA AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA	Compreender o fenômeno da automutilação na adolescência	Construção de dois casos baseados em personagens da série Thirteen Reasons Why (Os treze porquês	Reflexões acerca de como vivências intensas do período da adolescência podem ser disparadores importantes para sofrimentos importantes para	Não citado.	pertinentes à pergunta de pesquisa formulada para este projeto
Bastos E.M., 2019	AUTOMUTILAÇÃO DE ADOLESCENTES: UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA	auxíliam no processo de compreensão da automutilação	Estudo de caso	necessidade de ampliar e aprofundar pesquisas sobre a realidade desse contexto por uma variedade de situações e contingências biológicas, familiares, culturais, sociais e históricas	Não citado.	Não citado



Santos A.A,2019	AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: COMPREENDENDO SUAS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS	compreender a automutilação no período da adolescência buscando conhecer os fatores associados,	estudo de caso descritivo-exploratório com abordagem quanti-qualitativa	prevalência do gênero feminino relativa a comportamentos de automutilação	Não citado.	Assinatura do Termo de Consentimento Livre
Reis M.N,2020	AUTOMUTILAÇÃO: O ENCONTRO ENTRE O REAL DO SOFRIMENTO E O SOFRIMENTO REAL	trata da prática de automutilação na adolescência como reflexo da impossibilidade de de estruturação da cadeia significativa.	Estudo de Caso	automutilação é uma tentativa de fuga do sofrimento psíquico	Não citado.	Não citado
Viola D.T,2018	A adolescência em perspectiva: Um exame da variabilidade da passagem à idade adulta entre diferentes sociedades	propõe um exame da adolescência a partir de um debate entre a psicanálise e a etnologia	Revisão bibliográfica.	contribuir para um melhor entendimento das coordenadas de Freud e de Lacan acerca da puberdade e seus desdobramentos no laço social, bem como vislumbrar novas leituras dos problemas da adolescência na contemporaneidade	Não citado.	Não citado
Oto S.C,2016	O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão	compreender se a utilização da plataforma blogging Tumblr possuía influência na disseminação do conteúdo e prática da autolesão entre adolescentes.	Revisão bibliográfica.	Foi possível perceber que, justamente por suas particularidades, o Tumblr acabou por se tornar lugar de expressão da prática da autolesão e do sofrimento	Não citado.	Não citado



				decorrente dessa prática.		
Sneddon H, 2020	A terapia cognitivo-comportamental pode reduzir o comportamento sexual prejudicial em adolescentes?	evidências do efeito da TCC sobre as taxas de infrações e eventos adversos como a automutilação	Revisão bibliográfica.	É incerto se a TCC, comparada a outros tratamentos, reduz o comportamento sexual nocivo em adolescentes do sexo masculino.	Não citado.	Não citado
Macedo M.K.,2017	Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade	aspectos que consideramos relevantes acerca do comportamento da automutilação	Revisão bibliográfica.	o ato-dor, como característico da situação de automutilação na adolescência, pode ceder espaço à criação da possibilidade de o sujeito existir em presença de outro e em presença de si mesmo	Não citado.	Não citado
Santos A.A,2019	AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: COMPREENDENDO SUAS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS	compreender este fenômeno durante esse período do ciclo vital, buscando conhecer os fatores correlatos ao ato	Estudo de caso	identificar a prevalência do gênero feminino relativa a comportamentos de automutilação, como também, o manuseio de instrumentos cortantes sobre o corpo como sendo o tipo predominantemente de automutilação	Não citado.	Não citado
Moreira E.S.,2018	Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura	automutilação em adolescentes no período de janeiro de	Revisão bibliográfica.	grande número de publicações a nível internacional, com	Não citado.	Não citado



		2012 a junho de 2017.		destaque para artigos epidemiológicos e fragilidade na publicação de estudos de intervenção que investiguem a eficácia de terapias e programas de prevenção		
Fonseca P.H.,2017	Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes	Avaliar a frequência e as características da autolesão entre adolescentes.	Estudo exploratório, transversal, descritivo com abordagem quantitativa	Atenta-se para o número de adolescentes que praticam a autolesão, a predominância entre o público feminino e a função principal de regulação emocional para justificar o comportamento.	Não citado.	Não citado
Teixeira L.C.,2019	Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar	discutir a automutilação e suas narrativas por adolescentes em contexto escolar. Trata-se de uma pesquisa que envolve a psicanálise e o campo da educação, como um trabalho possível da clínica institucional	Estudo de caso	a partir de uma escuta qualificada na escola é possível dar voz aos adolescentes para que possam produzir um saber sobre si, e ao seu modo sustentar seu mal estar	Não citado.	Não citado
Damou I.,2016	Marcas do infantil na adolescência: automutilação como atualização	examinamos o conceito de trauma, incluindo a questão do desamparo e	Estudo de caso	ato impellido pela compulsão à repetição que, a despeito de	Não citado.	Não citado



	de traumas precoces	do excesso pulsional em sua articulação com as falhas precoces cumulativas da função estimulante-contentora do ambiente		sua meta desobjetalizante, pode ser entendido como um movimento de atualização e de tentativa de elaboração de traumas precoces		
Santos P.A,2019	Automutilação em adolescentes	Identificar o perfil do adolescente escolar que pratica automutilação, materiais utilizados, e partes do corpo mais lesionados durante a crise	Estudo descritivo	carência de estudos que reflitam sobre os danos físicos e psicológicos quando não tratados ainda na adolescência	Não citado.	Não citado
Nascimento J.F,2020	AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS NA PANDEMIA POR COVID-19: O RELATO DE TRÊS CASOS	relato de três casos de automutilação ocorridos durante a pandemia por SARS-Cov-2 e propor uma discussão sobre os motivos que regem tal desvio de comportamento	Estudo de caso	tais manifestações sejam reflexo do isolamento social, bem como do medo e incertezas gerados pela pandemia.	Não citado.	Não citado
Ferreira T.R,2018	Cyberbulling : conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde	a revisão crítica de um conjunto de revisões bibliográficas no intuito de conhecer como o cyberbullying é compreendido pela comunidade científica, como o fenômeno vem sendo conceituado,	Revisão bibliográfica.	. Os estudos revisados apontam que tanto as vítimas quanto os praticantes de cyberbullying vivenciam experiências negativas em sua saúde psicológica e comportamental, podendo ocorrer	Não citado.	Não citado



		como suas dinâmicas têm sido descritas, quais personagens identificados e quais as associações apontadas à saúde das pessoas intimidadas.		inclusive evasão escolar, isolamento social, depressão, ideação suicida e suicida		
Vargas C.S,2021	Automutilação e ideação suicida: um drama da adolescência na atualidade	analisa a automutilação e a ideação suicida, suas similaridades e diferenças, enfatizando o sofrimento emocional presente nos dois comportamentos e a possibilidade de eles também aparecerem juntos	Revisão bibliográfica.	importância a desestigmatização da ASIS como ou drama ou um tabu, realçando a necessidade do diálogo, do entendimento do desenvolvimento humano e das necessidades e características psíquicas dos adolescentes	Não citado.	Não citado
Pennal E.P,2019+A 13	Considerações psicanalíticas a respeito da automutilação	desenvolver uma leitura psicanalítica a respeito do fenômeno contemporâneo da automutilação	Revisão bibliográfica.	automutilação assume uma função defensiva contra o sofrimento psíquico do sujeito e, em um sentido mais radical, contra a própria morte psíquica.	Não citado.	Não citado

Fonte: Elaborada pela autora

Conforme as leituras realizadas a partir do quadro 1, aponta-se os principais achados sobre automutilação e adolescência e a escuta qualificada como ferramenta para promover a saúde do adolescente.

Silva *et al.* (2019) afirma que a automutilação é um comportamento presente na vida de muitos adolescentes, como uma forma de reduzir a dor moral, para a dor física. É uma prática



recorrente nessa parcela da população, devido a fase de grandes conflitos internos, abrangendo fatores como a falta de controle emocional e a ausência de suporte familiar.

Segundo Souza *et al.* (2020) as vivências intensas do período da adolescência podem ser disparadores importantes para o comportamento de automutilação. O estudo de Matos *et al.* (2021) avaliou teses de doutorados que analisaram essa temática. Esse estudo buscou avaliar principalmente quais seriam os desejos e as defesas que estão presentes no momento e logo após o ato de cortar-se, em meninas com idades entre 13 e 21 anos. Foi visto que esse comportamento pode ser influenciado por fatores tais como excesso de cobranças internas, vergonha em demasia, autocrítica, maus tratos, abuso sexual, traumas, vícios, acidentes, anorexia, bulimia e alergias.

O estudo de Costa *et al.* (2021) verificou que os principais fatores relacionados com o comportamento auto lesivo em adolescente envolvem aspectos pessoais, familiares, transtornos psiquiátricos, relacionados à infância e risco sociais. Além disso, identificou que os transtornos psiquiátricos e o uso inadequado da internet, como por exemplo o *cyberbullying* (Ferreira, 2018), podem influenciar negativamente esse tipo de comportamento.

Nesse contexto o estudo de Vargas *et al.* (2021) afirma que os adolescentes de hoje são nativos digitais, e desse modo tem grande influência e familiaridade com os eletrônicos e suas possibilidades e, conseqüentemente, sofrem a interferência destes a sua saúde mental e cognitiva, podendo por vezes promover a romantização patológica de situações nocivas e até mesmo a reproduzi-las.

O estudo de Otto (2016) mostra a relação entre a disseminação da prática de autolesão com as trocas que ocorrem em páginas da internet, focando na plataforma *blogging Tumblr*. Esse estudo demonstra que essa plataforma é um espaço em que adolescentes podem compartilhar seu sofrimento e falar sobre a autolesão sem serem julgados, sendo assim importantes a realização de estudos que analisem o comportamento auto lesivo e o mundo virtual, como forma de prevenção desse ato.

O estudo de Moreira *et al.* (2018) realizou uma revisão integrativa da literatura sobre automutilação em adolescentes, analisando estudos publicados no período de janeiro de 2012 a junho de 2017. Este estudo mostrou grande número de publicações a nível internacional, com destaque para artigos epidemiológicos e fragilidade na publicação de estudos de intervenção que investiguem a eficácia de terapias e programas de prevenção. Foram identificados poucos dados nacionais o que demonstra a necessidade de pesquisas com esta temática para conhecer



a realidade local. Além disso, estudos epidemiológicos no Brasil são importantes para apresentar aos governos evidências que justifiquem políticas públicas e aloquem verbas para saúde mental infanto-juvenil.

Santos (2019) reafirma que a automutilação é um problema de saúde pública, apresentando carência de estudos que reflitam sobre os danos físicos e psicológicos na adolescência, havendo a necessidade de intervenção qualificando profissionais para um atendimento de qualidade.

Bastos (2019) realizou um estudo de caso em uma escola pública de Fortaleza, no qual os participantes foram selecionados dentro de um grupo de professores que conviviam com alunos que praticavam a automutilação. É necessário que as escolas notifiquem casos de automutilação e tentativa de suicídio, a partir da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Foi visto que a escuta dos alunos e auxílio nessa etapa é fundamental para auxiliá-los. Também foi visto que é fundamental a preparação adequada dos profissionais que atuam junto a esses alunos. O psicólogo é um profissional que pode atuar no contexto escolar para oferecer informações através de relatos e debate sobre as percepções, sentidos e experiências desses sujeitos, auxiliando-os a refletir sobre essa temática.

Teixeira *et al.* (2019) afirma que a partir de uma escuta qualificada na escola é possível dar voz aos adolescentes para que possam produzir um saber sobre si, e ao seu modo sustentar seu mal estar. Já o estudo de Santos *et al.* (2019) foi realizado em três escolas do município de Patos-PB e identificou a prevalência do gênero feminino relativa a comportamentos de automutilação. O estudo de Fonseca *et al.* (2017) foi realizado com adolescentes de 10 a 14 anos de quatro escolas estaduais do município de Divinópolis, Minas Gerais. Foi visto o predomínio da autolesão entre o público feminino e a função principal de regulação emocional para justificar o comportamento.

Em 2020, o mundo foi atingido pela pandemia do Covid-19. O estudo de Nascimento *et al.* (2020) afirma que houve um crescimento expressivo nas taxas de depressão, ansiedade, suicídio e automutilações não suicidas, principalmente em indivíduos com doença mental prévia. É possível que o isolamento social pode ser um dos motivos que causam desejos autoagressivos. Também é mostrado que o consumo excessivo de conteúdo digital, principalmente se relacionados à pandemia, contribuem para o desejo agressivo, especialmente à automutilação. Dessa forma é fundamental o desenvolvimento de estratégias de saúde e políticas públicas para minimizar os impactos psicossociais decorrentes dessa pandemia, visando o bem-estar físico e mental da população.



5 CONCLUSÕES

Com esse estudo foi visto que o corpo pode ser considerado um instrumento de comunicação, trazendo informações sobre identidade, crenças, valores e aspectos psíquicos e quando as marcas corporais surgem decorrentes de comportamentos auto lesivos podem fornecer informações sobre as condições vivenciadas pelo indivíduo. Ao longo desse estudo pode-se demonstrar que a automutilação pode estar relacionada a casos mais graves com uma tendência a um comportamento suicida e que esse comportamento auto lesivo não necessita de apenas um fator desencadeante e sim de situações multifatoriais, reforçando a inexistência da causa única. Como exemplo de fatores influenciadores da automutilação em adolescente tem-se as autocríticas, os maus tratos e o abuso sexual.

O uso excessivo das mídias digitais também pode influenciar a saúde mental e cognitiva dos adolescentes, podendo em alguns casos promover a romantização patológica de situações nocivas, como a automutilação, e até mesmo a reproduzi-las. Também foi visto que durante a pandemia do Covid-19 houve um crescimento do consumo excessivo de conteúdo digital o que pode ter contribuído para o aumento do desejo agressivo, especialmente à automutilação.

Com a análise dos estudos selecionados foi visto que há uma lacuna em relação a realização de estudos que reflitam sobre os danos físicos e psicológicos na adolescência, havendo a necessidade da elaboração de diferentes formas de intervenção com profissionais que possam oferecer um atendimento de qualidade.

Este estudo demonstrou que a escuta qualificada pode ser uma forma de intervenção que pode ser utilizada com os adolescentes permitindo-os verbalizar as angústias e mal-estar por meio das palavras. Mediante a escuta qualificada, o adolescente pode refletir sobre suas vivências, experiências dolorosas e prazerosas, sobre seu lugar na sociedade e comportamentos, e lhe ser garantido os direitos básicos para um desenvolvimento psíquico saudável.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO NETO, Carlos Henrique de. **Autolesão Sem Intenção Suicida e sua Relação com Ideação Suicida**. Brasília, 2019. 171 p

BASTOS *et al.* Automutilação de adolescentes: um estudo de caso em escola pública de fortaleza. **Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 3, n. 3, p. 156-191, setembro/dezembro, 2019.

BHERING N.B.V. Análise dos fatores de risco relacionados ao comportamento suicida em crianças e adolescentes. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 10861-10875 jul./aug. 2020.



BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente** (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Área Técnica de Saúde do Adolescente e Jovem. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Adolescente e Jovem**. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. Área de saúde do adolescente e do jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescente**. Brasília, 2007

BRASIL. **LEI Nº 13.819**, de 26 de abril de 2019. Diário Oficial da União. Disponível em <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n%C2%BA-13.819-de-26-de-abril-de-2019-85673796>> Acesso em junho de 2022.

CARDOSO, C.P.S. **Adolescência na voz de adolescentes: bem estar e comportamentos autodestrutivos, um estudo exploratório**. 2011. 55f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

CÔRREA Alessandra. **Automutilação digital: cresce número de jovens que postam agressões contra si mesmos online**. BBC NEWS Brasil. novembro, 2017. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-41944954>> Acesso em junho de 2022.

FERREIRA *et al.* Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23(10):3369-3379, 2018.

GUERREIRO Diogo Frasilho; Daniel Sampaio. Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. **Revista Portuguesa**, 2013;3 1(2):213–22.

GIUSTI, J.S. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. 2013. 184f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

GIUSTI, Jackeline Suzie. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. São Paulo, 2013.

MATOS *et al.* O corpo como símbolo da dor de uma alma mutilada. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação-REASE*, 2020.

MAYNART W.H.C. A escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial. **Acta Paul Enferm**; 27(4):300-3, 2014.

MESQUITA, C. Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 3, n. 7, p. 97-109, jul, 2011.

MOREIRA *et al.* Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Temas em Saúde**. João Pessoa, PB, 2018.

NASCIMENTO *et al.* Automutilação em adolescentes e adultos jovens na pandemia por covid-19: o relato de três casos. **Revista Augustus**, 2021.



OTTO *et al.* O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 25, n. 2, 265-288, 2016.

ROGERS, C. **Um Jeito de Ser.** São Paulo: EPU. 1980/1987.

SANTOS *et al.* Automutilação na adolescência: compreendendo suas causas e consequências. **Temas em Saúde.** João Pessoa, PB, 2019.

SILVA J.K. *et al.* A adolescência e as mutilações. **Cadernos de psicologia,** Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 7-25, ago./dez. 2019

TEIXEIRA, D.P. **Intensidades corporais e subjetividades contemporâneas: uma reflexão sobre o movimento da body modification.** Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2006.

TEIXEIRA L.V. *et al.* Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilos da Clínica,** 2019, V. 24, nº 2, p. 291-303.

VAN DE GRAAFF, K.M. **Anatomia humana.** 6.ed. São Paulo: Manole, 2003. p. 778-779

VARGAS *et al.* Automutilação e ideação suicida: um drama da adolescência na atualidade. **Brazilian Journal of Health Review,** 2021.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Área Técnica de Saúde do Adolescente e Jovem. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Adolescente e Jovem.** Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. Área de saúde do adolescente e do jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescente.** Brasília, 2007

BRASIL . **LEI Nº 13.819,** de 26 de abril de 2019. Diário Oficial da União. Disponível em <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n%C2%BA-13.819-de-26-de-abril-de-2019-85673796>> Acesso em junho de 2022.

CARDOSO, C.P.S. **Adolescência na voz de adolescentes: bem estar e comportamentos autodestrutivos, um estudo exploratório.** 2011. 55f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

CÔRREA Alessandra. **Automutilação digital: cresce número de jovens que postam agressões contra si mesmos online.** BBC NEWS Brasil. Novembro, 2017. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-41944954>> Acesso em junho de 2022.

FERREIRA *et al.* Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva,** 23(10):3369-3379, 2018.

GUERREIRO Diogo Frasquilho; Daniel Sampaio. Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. **Revista Portuguesa,** 2013;3 1(2):213–22.

GIUSTI, J.S. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo.** 2013. 184f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.



GIUSTI, Jackeline Suzie. **Automutilação : características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. São Paulo, 2013.

MATOS *et al.* O corpo como símbolo da dor de uma alma mutilada. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação-REASE*, 2020.

MAYNART W.H.C. A escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial. *Acta Paul Enferm*; 27(4):300-3, 2014.

MESQUITA, C. Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, v. 3, n. 7, p. 97-109, jul, 2011.

MOREIRA *et al.* Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Temas em Saúde**. João Pessoa, PB, 2018.

NASCIMENTO *et al.* Automutilação em adolescentes e adultos jovens na pandemia por covid-19: o relato de três casos. *Revista Augustus*, 2021.

OTTO *et al.* O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão. *Psic. Rev.* São Paulo, v. 25, n. 2, 265-288, 2016.

ROGERS, C. **Um Jeito de Ser**. São Paulo : EPU. 1980/1987.

SANTOS *et al.* Automutilação na adolescência: compreendendo suas causas e consequências. **Temas em Saúde**. João Pessoa, PB, 2019.

SILVA J.K *et al.* A adolescência e as mutilações. *Cadernos de psicologia*, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 7-25, ago./dez. 2019

TEIXEIRA, D.P. **Intensidades corporais e subjetividades contemporâneas: uma reflexão sobre o movimento da body modification**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2006.

TEIXEIRA L.V. et al. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilos da Clínica**, 2019, V. 24, nº 2, p. 291-303.

VAN DE GRAAFF, K.M. **Anatomia humana**. 6.ed. São Paulo: Manole, 2003. p. 778-779

VARGAS *et al.* Automutilação e ideação suicida: um drama da adolescência na atualidade. **Brazilian Journal of Health Review**, 2021.